

Estratégia para o Sector Electrotécnico

A Strategy for the Electrical and Electronic Sector

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

Em Portugal o sector económico das actividades electrotécnicas tem estado em crise. Não é constatação única no conjunto da economia nacional, nem constitui exemplo singular no mercado europeu. Pode, no entanto, ser um dos sectores com maiores dificuldades para retomar a prosperidade.

Por um lado, a componente eléctrica envelheceu sem dar por isso, agarrada a uma formação tradicionalmente retardada e sem acompanhamento dos problemas de vanguarda pela investigação científica e tecnológica, longe do dinamismo evolutivo dos países mais industrializados. As inovações adquiridas, sendo necessárias e importantes, deram a ilusão do progresso sectorial, por falta de infraestruturas fundamentais quanto a qualidade e produtividade, gestão e marketing.

Por outro lado, a competente electrónica nasceu débil e pálida, dando passos muito curtos e lentos, sem nunca ter atingido idade adulta. Houve alguns esperançosos, que viveram isolados e deixaram passar ao lado os avanços tecnológicos, carpindo mágoas sem remédio, que a própria actividade é demasiado lábil e competitiva para ser sustentada ao nível pessoal. Na ausência de uma concertação conjunta, as boas vontades e as grandes dedicações acabaram por esvanecer, caindo no desespero e dentro da completa inoperância.

Neste ambiente surgiu a informática como escape dos jovens. O processo ilusório intensificou-se, já que as técnicas do computador, pelas linguagens e grafismos, suscita o sonho e a ilusão do génio. A desmaterialização dos programas arreigou a convicção de que somos fadados para a concepção e produção de logiciais que o mundo necessita, esquecendo que os outros não estão parados.

Na base de tudo, os homens alimentam-se de produtos bem mais tradicionais: batatas, que os campos se

recusam a cultivar; frutos, que as árvores não criam; peixes, que as águas poluídas aniquilam; carnes, que os artificios da aceleração estiolam. Homens, à procura do bem-estar e da melhor qualidade de vida, não se apercebem das contradições do pensamento economicista e negam a valorização das culturas diferenciadas.

Mais do que nunca na espiral da civilização, apercebe-se que é preciso cuidar tanto do corpo como do espírito, das coisas materiais e dos enlevos abstratos do hardware e do software. Os sistemas abertos os únicos que têm vida interactiva e globalizável, subsistem somente pela conjugação da energia com a informação. Uma intervenção não se pode desligar da outra, tanto na vida orgânica como na organicidade tecnológica. Os extremismos reducionistas introduzem amputações gravosas, que distorcem a realidade e aniquilam os avanços da inovação.

O sector eléctrico e electrónico precisa de ser repensado pelos seus diferentes actores, desde os industriais, fabricantes e instaladores, aos comerciantes, técnicos, investigadores e educadores. É uma tarefa de grande vulto, necessária e urgente, em que todas possam discutir a definição de uma estratégia nacional, globalizante e orientadora dos vários Ministérios, que compete em primeiro lugar à ANIMEE (Associação Nacional dos Industriais de Material Eléctrico e Electrónico), mas também a outras entidades associativas, quer empresariais (como a dos cabos eléctricos ou da iluminação), quer profissionais (como a Ordem dos Engenheiros) ou sindicais (como dos Engenheiros Técnicos), empresas do secundário e do terciário com actividades no âmbito electrotécnico (telecomunicações, automação, domótica, etc.), instituições de ensino profissionalizante e superior, organismos públicos de tutela da indústria e energia, formação e educação, investigação e desenvolvimento.

Não se ceda à tentação dos interesses particulares. O êxito de uma iniciativa global, e só sendo globalizante merece justificação, reside na discussão completa e sistémica do sector económico. Propostas de arranjos parcelares servem de paliativo, mas não curam os males profundos. A oportunidade é de edificar em novos moldes, aproveitando as fachadas mais notáveis do passado e construindo alicerces com pilares sólidos para o futuro.

O PEDIP II está aí com todo o seu potencial de financiamento para estudos sérios e fecundos, independentes e isentos, norteadores e incentivadores de confiança. Não se deve continuar a gerir o acaso, nem pretender atingir o centralismo. Uma estratégia global, proposta pela sociedade civil que na prática a implementa, serve qualquer ideologia política – porque se projecta para benefício nacional. Não é uma visão partidária, não será um objectivo estreito e colateral.

Um projecto de estratégia sectorial para a engenharia electrotécnica pode ser concebido como um projecto voluntarista, que a administração pública certamente acarinhará, por se referir a um sector de importância basililar na modernização da indústria portuguesa, tanto nas actividades verticais da energia eléctrica e das telecomunicações, como nas múltiplas vertentes horizontais da produção e dos serviços em todo o tecido económico.

Não se diga que não há quem esteja motivado por esse trabalho. Por detrás desta proposta existe uma intensa vontade de concretizar mais um sonho. Julgo que tudo pode começar pela elaboração de um projecto da ideia, devidamente articulado por parceiros institucionais e empresariais com esperança na consolidação do futuro electrotécnico. E aproveitando o ânimo jovial do Grupo EDP. ■